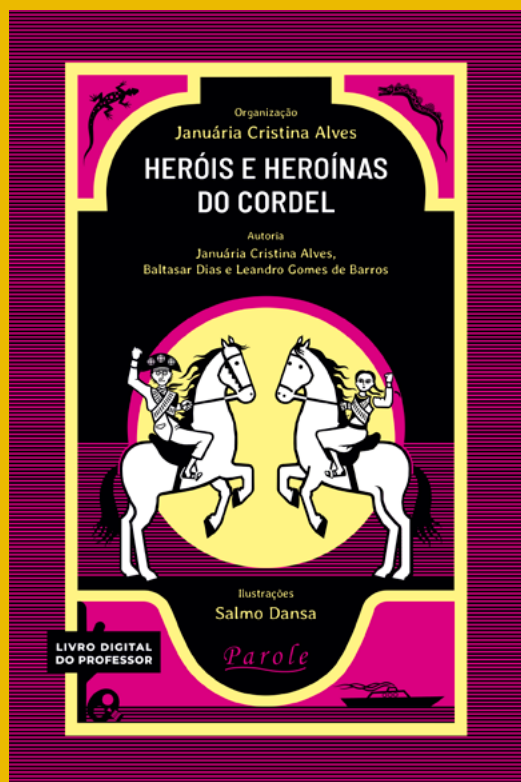


Material de apoio ao professor



LIVRO

Heróis e heroínas do cordel

AUTORES

Januária Cristina Alves

Baltasar Dias

Leandro Gomes de Barros

ORGANIZADORA

Januária Cristina Alves

ILUSTRADOR

Salmo Dansa

CATEGORIA 2

Obras literárias do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Encontros com a diferença

Sociedade, política e cidadania

Diálogos com a história e a cultura brasileira

GÊNERO LITERÁRIO

Poesia

AUTORIA

Lenice Bueno da Silva

Especialista da Comunidade Educativa

CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica de Faria

Coordenadora da Comunidade Educativa

CEDAC



Parole

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luíza Couto

Aminah Haman

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	5
Os autores e a obra	8
Gênero e estilo	9
Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental	11
Conversas em torno da leitura dessa obra	14
A importância da mediação	14
Diferentes modalidades de leitura	16
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	16
Atividade 1: Conhecendo o gênero — O cordão que nos une	17
Pré-leitura	18
Leitura	18
Pós-leitura	19
Atividade 2: O cordel e a imagem feminina — As rimas	20
Leitura	21
Pós-leitura	22
Atividade 3: O cordel e as novelas de cavalaria — A métrica	22
Pré-leitura	22
Leitura	25
Pós-leitura	25
Possibilidades interdisciplinares	26
Arte	26
História	28
Bibliografia comentada	29
Sugestões de leituras complementares	30

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *Heróis e heroínas do cordel*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, os autores, a organizadora, o ilustrador, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados na obra e que contribuem para o seu trabalho.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Heróis e heroínas do cordel é uma antologia composta de três narrativas de dois cordelistas célebres, um português e um brasileiro: “História da imperatriz Porcina”, na versão do português **Baltasar Dias**, do século XVII; “História de Roberto do Diabo” e “História da donzela Teodora”, ambos de **Leandro Gomes de Barros**. São narrativas

que vão de aventuras fantásticas vividas por heróis a dramas vividos por heroínas fortes e decididas, sempre contados por meio de versos com a métrica e as rimas características da literatura de cordel. Você sabia que a literatura de cordel, desde 2018, é considerada um patrimônio cultural brasileiro? Foi nesse ano que o Instituto Nacional do Patrimônio Histórico (Iphan) e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), órgãos do Ministério da Cultura (MinC), tomaram a decisão de reconhecer o cordel como um patrimônio que deve ser protegido pelas administrações nos níveis federal, estadual e municipal.

[O] Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, s.d., s. p.).

Essa antologia apresenta aos estudantes de hoje uma amostra bastante representativa da literatura de cordel, uma manifestação artística importante da cultura brasileira.

O cordel, entretanto, não nasceu no Brasil. Como somos informados pela organizadora do livro, **Januária Cristina Alves**, no texto de apresentação (p. 8), esse tipo de folheto impresso surgiu em países da Europa, como França, Inglaterra, Espanha e Portugal, e chegou até nós pelos estados nordestinos.

Já o artista popular **Antonio Nóbrega**, no texto que encerra o livro, nos explica que o cordel tem como antepassados os folhetos vendidos por mascates em várias regiões da Europa. Eram narrativas de diversos tipos, impressas para consumo em grande escala, numa época em que nesses países crescia o número de pessoas alfabetizadas. Por serem baratos, eram acessíveis a uma população pobre, que assim pôde satisfazer o desejo de conhecer livros — um produto ao qual apenas os ricos tinham acesso. Para baratear o custo de impressão e facilitar a compreensão das narrativas, essas obras muitas vezes eram reescritas e simplificadas — o que explica a existência de diferentes versões e a presença de elementos aparentemente incoerentes ou estranhos em algumas das narrativas.

Aqui no Brasil, a literatura de cordel se associou ao costume local de contar histórias em versos, quase sempre de forma oral e cantada pelos poetas, muitas vezes por meio de improvisos e desafios, como faziam (e ainda fazem) os repentistas. É por isso que Januá-

ria se refere às “pelejas” em seu texto — nome que se dá a essas disputas, feitas em praça pública e assistidas por um público. Além de ser uma literatura de tradição oral num país em que a maior parte da população era pobre e analfabeta, o cordel cumpriu a função de levar a fruição literária a um público amplo.

É também a origem dessas histórias que explica o fato de muitas delas serem ambientadas em lugares remotos, como o Império Romano, Calais (porto da França) e Túnis (capital da Tunísia, no Norte da África), e terem personagens como princesas, reis, imperadores, sultões.

Da mesma maneira, os leitores podem encontrar situações típicas de tempos passados — como punições físicas terríveis, decididas de forma sumária pelos governantes, e atos de violência extrema, principalmente contra as mulheres.

Você deve estar se perguntando se textos como esses seriam adequados à leitura dos jovens. Para responder a essa pergunta, é preciso refletir sobre as funções da leitura. Já está ultrapassada a concepção de que ler um texto se limita a assimilar seu conteúdo de forma acrítica, uma vez que se sabe que o leitor não permanece passivo diante do que lê. Pelo contrário, a leitura é hoje considerada um diálogo, não só entre o texto e quem o lê, mas também entre os diferentes leitores. Uma educação democrática pressupõe que a escola proporcione aos estudantes, à medida que se encontram maduros, o contato com textos com os quais possam “discutir”, concordando ou discordando de seu conteúdo.

É por isso que, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre as competências gerais da Educação Básica, a terceira* enfatiza a importância do acesso a manifestações artísticas e culturais variadas.

Além disso, na habilidade EF69LP44**, a BNCC sugere a formação de leitores que consigam enxergar diferentes camadas de um texto, ou seja, que se constituam como leitores críticos.

Assim, por proporcionar o contato com uma forma de arte popular, a leitura da antologia *Heróis e heroínas do cordel* está associada ao tema **encontros com a diferença**. No mesmo sentido, por ser o cordel uma manifestação cultural importante em nosso país, essa leitura se associa ao tema **diálogos com a história e a cultura brasileira**.

* 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018b, p. 9).

** (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018b, p. 157).

E por apresentar em seu conteúdo atitudes e costumes que necessitam ser discutidos criticamente, traz o tema **sociedade, política e cidadania**.

No que diz respeito aos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), o livro está associado à **educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras**, e, por promover discussões sobre a violência, especialmente no que diz respeito às mulheres, envolve o tema da **educação em direitos humanos**.

OS AUTORES E A OBRA

Como vimos, *Heróis e heroínas do cordel* é uma antologia de textos de vários autores. A organizadora do livro, Januária Cristina Alves, é jornalista, mestre em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), roteirista e escritora, tendo publicado mais de cinquenta livros, muitos deles premiados.

De origem pernambucana, cresceu ouvindo versos populares e assistindo a pelegas entre repentistas e hoje desenvolve um trabalho de pesquisa sobre folclore brasileiro. Suas pesquisas a levaram à Academia Brasileira de Cordel, onde, com a ajuda de seu presidente, Gonçalo Ferreira da Silva, teve acesso e selecionou os textos dessa antologia.

O ilustrador do livro, **Salmo Dansa**, é um artista consagrado e com uma formação sólida, cujo trabalho se desenvolveu no sentido de criar imagens para contos clássicos e populares, para crianças e jovens. Salmo é professor universitário no Rio de Janeiro, tendo ilustrado cerca de cem livros, dentre os quais algumas coletâneas de contos africanos e contos de fadas. Artista premiado, nesse livro ele se inspirou na obra do pernambucano Gilvan Samico, artista plástico e xilogravurista, para criar as ilustrações. Dentre os prêmios recebidos, destacamos o Adolfo Aizen de ilustração e os selos de livro altamente recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e White Ravens, da International Jugendbibliothek Munchen (IJB).

Quanto aos cordelistas cujas obras foram reproduzidas no livro, Baltasar Dias foi um poeta português que, em 1660, publicou “A história da imperatriz Porcina”. Segundo o “Dossiê de registro da literatura de cordel”, o folclorista Luís da Câmara Cascudo associava essa narrativa a “histórias de devoção à Virgem Maria, manuscritas durante o século XI por escritores que relatavam as intercessões da população diante da catástrofe da Peste Negra, sendo a história de Porcina um dos motivos de maior repercussão em Portugal e no Brasil” (BRASIL, 2018a, p. 45). Ou seja: trata-se de uma narrativa de origem ainda mais antiga que a versão apresentada nessa antologia.

Leandro Gomes de Barros (1865-1918) foi uma figura emblemática do cordel bra-

sileiro do começo do século xx: foi o primeiro a conciliar a produção artística com a profissão de editor e defendia a profissionalização do poeta popular. Deixou a maior produção de cordéis, tendo sido também “um cronista crítico e irônico dos acontecimentos de seu tempo”, os primórdios da República no Brasil (id., *ibid.*, p. 77). Gomes de Barros também foi inovador ao instituir duas práticas que objetivavam garantir o respeito aos direitos autorais dos poetas: reproduzir a foto do cordelista na quarta capa dos folhetos e usar o acróstico de seu nome nos versos finais das narrativas — prática que observamos em “O verdadeiro romance do herói João de Calais”, de Severino Borges da Silva (p. 137).

GÊNERO E ESTILO

Os cordelistas costumam ser rigorosos na composição poética desse gênero literário de sonoridade fluida, que convida à leitura em voz alta. Há três elementos obrigatórios que devem ser estritamente respeitados pelo poeta: “métrica, rima e oração” (BRASIL, 2018a, p. 16).

A *oração* nada mais é que o nome dado ao “verso”, com a diferença de que, no cordel, o verso sempre deve ser parte de uma história clara e de fácil acompanhamento pelo leitor ou ouvinte. Por isso, a oração também pode ser chamada de “narrativa”, “conteúdo” ou “desenvolvimento” do poema. Ela é um dos principais elementos a assegurar coerência ao enredo, a organizar a trama de maneira clara, compreensível e que instigue o leitor a acompanhar a narrativa até o fim.

Observe este trecho da história de Roberto do Diabo e perceba quantas coisas são narradas em tão poucos versos — os quais, além disso, têm uma métrica e rimas planejadas com minúcia pelo poeta (p. 53):

Na província de Normandia
na remota antiguidade
viveu o duque Alberto
cheio de fraternidade
era ele o soberano
de toda aquela cidade.

Ele era um moço solteiro
não pensava em casamento
não era por egoísta
nem por ser rico avarento
era porque no futuro
não pensava um só momento

É que a poesia do cordel, por ter sido originalmente criada com base na oralidade, precisa entreter o ouvinte (ou leitor), prendendo sua atenção. E aí chegamos aos outros dois elementos fundamentais do cordel: a métrica e a rima.

Para os bons cordelistas, o elemento mais importante do cordel é a *métrica*. Os versos são geralmente heptassílabos, ou seja, têm sete sílabas poéticas, mas também

existem narrativas com versos de seis, oito, dez, onze ou até doze sílabas poéticas. O que não pode fazer é se enganar na contagem das sílabas nem criar “versos de pé quebrado”, ou seja, com erros nas *rimas* — o que é considerado gravíssimo.

Como se vê, é uma forma literária popular com características estéticas bem marcadas e rigorosas, que exigem talento e muita prática.

Quanto à forma de expor o conteúdo, também há um padrão: logo na primeira estrofe do cordel, o poeta anuncia ao leitor uma espécie de sinopse da narrativa. Já sabemos na primeira página quem são os personagens, qual é o conflito, às vezes onde se passa a história e em que época. Observe, por exemplo, as estrofes iniciais da “Histórias da donzela Teodora” (p. 103):

Eis a real descrição
da história da donzela
dos sábios que ela venceu
e a aposta ganha por ela
tirado tudo direito
da história grande dela.

Como vimos, o cordel é caracterizado por versos ritmados e cadenciados, dispostos em estrofes com notações fixas, que alternam versos rimados e outros livres. Impresso em folhetos que costumam ser pendurados em cordões nas feiras, é um texto falado em voz alta por pessoas que vão de feira em feira vendendo e cantando seus versos.

A partir daí, convencionou-se um formato: os cordéis tradicionais passaram a ser pequenos, impressos em papéis baratos, formando brochuras simples com 8, 16 ou 32 páginas. Quanto ao conteúdo, havia histórias e causos sobre temas diversos: amor, tristeza, humor, tragédia, morte, mistério, redenção, peleja, desafio, coragem, medo, política e crítica social, entre outros.

Por essa variedade, a literatura de cordel hoje em dia abarca relações com o romance, as lendas, as narrativas de aventura, biografias, relatos de viagens etc.

Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

Trabalhar essa obra na escola, com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, é uma oportunidade de assegurar várias propostas da BNCC, como as competências gerais da Educação Básica relacionadas sobretudo ao conhecimento e ao repertório cultural (competências 1 e 3*). Além disso, por proporcionar aos estudantes o contato com uma manifestação muito importante da cultura popular brasileira, a apreciação de leitura de *Heróis e heroínas do cordel* se relaciona também a competências específicas de Linguagens, apresentando-as como uma construção dinâmica, expressão de identidades e subjetividades (competências 1 e 5**).

Por fim, no que diz respeito à Língua Portuguesa, são contempladas as competências 1 e 9***, que levam em consideração a necessidade de formar o leitor-fruidor:

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso su-
por — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2018b, p. 138).

* 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018b, p. 9).

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018b, p. 9).

** 1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais (BRASIL, 2018b, p. 65).

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018b, p. 65).

*** 1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem (BRASIL, 2018b, p. 87).

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018b, p. 87).

Em consonância com essas competências, sugere-se, nas práticas de leitura deste material, o exercício da apreciação crítica, com o objetivo de desenvolver especialmente a habilidade EF69LP44*, associada ao exercício de múltiplos olhares nas condições de produção, circulação e recepção da obra.

Como se vê, proporcionar aos estudantes o acesso a textos reais, produtos da verdadeira cultura das ruas, pode significar uma oportunidade de promover seu amadurecimento como leitores e como pessoas.

No que diz respeito a conteúdos considerados sensíveis presentes nas narrativas dos cordéis, é preciso ter em conta que, embora evitemos pôr os jovens em contato com situações que envolvem violência, há assuntos sobre os quais é preciso conversar na escola. Muitos cordéis foram escritos por homens que, em suas produções, transmitiram valores alicerçados em racismo, machismo, sexismo e intolerância religiosa.

Assim, na interação com esse tipo de literatura, é fundamental buscar uma posição ativa e reflexiva sobre a concepção de mundo engendrada nos cordéis. Mais que uma exaltação da cultura popular, importa também construir uma leitura crítica sobre seu conteúdo, debatendo os lugares que discursos dissidentes aos direitos humanos ocupam na contemporaneidade. Do mesmo modo, é necessário refletir como os estereótipos reforçados no passado interferem nas relações sociais no presente. Então, é primordial apoiar os estudantes para que se tornem leitores argutos de imagens que cristalizam estereótipos. Por isso, o contato dos jovens leitores não pode prescindir de um olhar crítico sobre essas narrativas.

Provavelmente, os estudantes de 8º e de 9º anos já dispõem de experiências de vida que lhes permitam ler um texto de forma crítica — concordando com ele ou discordando dele, em alguns pontos ou em muitos, de modo total ou parcial. Sobretudo se contarem com a medição de um leitor experiente como o professor. Num texto literário, confrontar suas concepções com outras é uma forma de se colocar em xeque e, dessa forma, conhecer melhor a si mesmo e ao outro. Além de tudo, jovens informados serão mais capazes de lutar por valores democráticos e éticos.

Segundo Perry Nodelman, especialista canadense em literatura para crianças e jovens:

Normalmente, não queremos que saibam algo porque achamos que pode prejudicá-las [crianças] ou corrompê-las, porque achamos que conhecer o

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018b, p. 157).

mal poderá prejudicá-las ou torná-las más. Essa visão ignora um fato evidente: nosso conhecimento do mal não nos tornou maus. Ocorre até o contrário, na maior parte das vezes: quando nos deparamos com um estereótipo sexista, a maioria de nós não se transforma em machos porcos chauvinistas, mas sim em feministas furiosos(as). Nossa resposta mais comum à descoberta de um conteúdo danoso num livro que estamos lendo é ter um ataque de indignação. Mas isso ocorre porque já sabemos como identificar os estereótipos como estereótipos; poder-se-ia argumentar (e de fato se faz isso) que mentes mais fracas ou menos maduras que a nossa não teriam essa habilidade. Aceitariam os estereótipos inconscientemente, e é por isso que precisamos protegê-los da leitura de livros que os contêm.

Mas vivemos num mundo repleto não só de livros que não aprovamos, mas também de propagandas de tv, traficantes de drogas, ligações de telemarketing, políticos e crianças cujos pais possuem valores diferentes dos nossos. Manter as crianças afastadas de ideias e valores de que não gostamos é praticamente impossível. Seria mais lógico protegê-las sem tentar suprimir materiais potencialmente perigosos, mas ajudando-as a aprender a importante habilidade de serem menos crédulas (2020, p. 22-23).

O que Nodelman afirma em relação à literatura para crianças é igualmente adequado à leitura por parte de um leitor jovem. Sobretudo em se tratando de uma leitura feita na escola, com a mediação de um professor e as trocas com os colegas — uma leitura, portanto, que pode contribuir de maneira sólida e profunda para o desenvolvimento do espírito crítico e a formação em sua mais ampla acepção. A apreciação de leitura de *Heróis e heroínas do cordel* pode também expandir o entendimento dos processos estéticos e a compreensão dos recursos da linguagem oral, promovendo a autonomia leitora e a construção de uma experiência estética plena e efetiva.

Nesse sentido, sugerimos para esse livro as seguintes chaves de leitura:

- Do ponto de vista da construção do texto: exploração das características da **poesia** de cordel, como a oralidade, o ritmo e as rimas, o número de sílabas poéticas e de estrofes e a clareza necessária para construir uma narrativa em versos.
- Do ponto de vista da temática: a importância do cordel na cultura popular brasileira e, ao mesmo tempo, a necessidade de discutir situações e atitudes preconceituosas e caracterizadas pela violência, especialmente contra a mulher, presentes em algumas narrativas.

Conversas em torno da leitura dessa obra

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO

Vem crescendo nos últimos anos o número de pesquisadores dedicados ao estudo do ato da leitura e da importância da mediação para a formação de novos leitores. A educadora argentina Delia Lerner, por exemplo, estuda a dimensão social da leitura, apontando como a escola pode construir pontes sobre o fosso que separa as pessoas da herança cultural produzida pela humanidade. Sua proposta principal, mesmo levando em conta as dificuldades para a realização, é transformar o ambiente escolar em uma comunidade de leitores e escritores — algo essencial para que crianças e jovens carreguem seu envolvimento com a cultura escrita para além dos muros escolares. Entretanto, como levar adiante essa proposição?

Lerner desenvolve suas teorias num livro essencial (2002) para quem se interessa em aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. Dialogando com a proposta de Lerner, o escritor e educador inglês Aidan Chambers propõe criar na sala de aula (e, por extensão, na escola) um ambiente leitor. Para isso, apresenta propostas de ordem prática que podem ajudar na mediação da leitura feita pelo educador.

O que Chambers nos sugere parece simples (embora esteja longe de ser): organizar rodas de conversas com os estudantes sobre o que foi lido. Para criar na sala de aula um ambiente propício à expressão livre de ideias, o pesquisador elenca perguntas que podem estimular uma boa conversa, dividindo-as em três tipos: básicas (para começar), gerais (para aprofundar a conversa) e especiais (para explorar particularidades da leitura). Reproduzimos a seguir algumas dessas questões, que podem ser consultadas de forma completa no livro *Dime* (Chambers, 2014, p. 117-120):

As perguntas básicas

Você gostou de alguma coisa neste livro?

O que chamou especialmente a sua atenção?

Você teria gostado se houvesse algo a mais? [...]

As perguntas gerais

A primeira vez que você viu este livro, mesmo antes de lê-lo, como imaginou que ele seria?

O que fez você pensar assim?

Agora que você já leu o livro, ele é o que você esperava? [...]

As perguntas especiais

Em quanto tempo transcorreu a história?

Ficamos sabendo o que ocorre na história na ordem real em que os eventos se sucederam?

Quando você conta coisas que aconteceram com você, sempre conta a história na ordem? [...]

Como vemos, são perguntas bastante abertas. É importante destacar também que elas *não foram pensadas para serem respondidas por escrito*, assim como *não admitem respostas exatas*. O objetivo é abrir um espaço de liberdade e, para isso, quanto mais abertas as respostas, mais chances de se desenvolver uma conversa em torno do que foi lido.

Outra abordagem que contribui para a leitura literária na escola é a da psicóloga catalã Isabel Solé, cujas pesquisas, voltadas para o estudo da mediação em situações educativas, buscam identificar que estratégias são mobilizadas e podem ser ensinadas para desenvolver a compreensão leitora. Ela nos explica que, diferentemente de procedimentos e ações automatizados que envolvem decisões simples, as estratégias são usadas em situações mais complexas, em que temos de mobilizar outros conhecimentos.

Explicando de forma prática, quando alguém se vê diante de uma situação nova e difícil, o que costuma fazer? Primeiro, busca em suas lembranças situações semelhantes que vivenciou ou observou e identifica as soluções que, em cada caso, se mostraram ou não eficientes. O passo seguinte é adequar esse conhecimento prévio à nova situação, criando estratégias para chegar à solução específica para o caso. O mesmo pode acontecer quando travamos contato com um novo texto.

O que há de interessante na proposta de Solé é considerar que essas estratégias podem e devem ser ensinadas pela escola, para que proporcionem aos estudantes uma autonomia cada vez maior na solução de problemas.

Solé divide as estratégias de leitura em três momentos: *antes, durante e depois*, que chamaremos aqui de atividades de *pré-leitura, leitura e pós-leitura*. E para o desenvolvimento da compreensão leitora, ela propõe alguns aspectos fundamentais:

- É muito importante que o educador ou mediador faça um planejamento detalhado de como vai trabalhar em sala de aula. Pesquisar sobre o contexto em que a obra foi escrita e publicada e sobre o autor; ler o texto antecipadamente, pensando nos pontos que podem trazer dificuldades de compreensão, levantar polêmicas e/ou despertar interesse nos leitores... Enfim, realizar um verdadeiro ensaio de como as coisas podem acontecer na sala de aula. Embora não se possa ter controle sobre tudo o que ocorrerá, quanto mais preparado estiver o professor ou mediador, maior a chance de um trabalho enriquecedor com a leitura.
- Assim como Chambers, Solé também ressalta a importância de organizar as

conversas em um espaço em que circulem perguntas abertas e no qual o grupo de leitores possa expor comentários, opiniões, relações com outras leituras etc.

DIFERENTES MODALIDADES DE LEITURA

Ainda é preciso comentar, mesmo que rapidamente, as diferentes modalidades de leitura que podem ser adotadas em sala de aula. Embora a concepção mais difundida seja que leitores experientes devem ler de forma solitária e silenciosa, nem sempre é necessário que seja assim.

Como apresentamos antes, o ato de leitura é uma troca, não apenas entre o leitor e o texto, mas também entre os leitores. Por isso, embora seja possível e fundamental estimular a leitura independente e solitária por parte dos estudantes, no trabalho em sala de aula é importante alterná-la com outras modalidades.

Uma delas é a leitura compartilhada ou colaborativa, em que não apenas o texto, mas também sua *compreensão*, é *compartilhado* entre os leitores. Durante uma leitura compartilhada, o professor lê em voz alta e faz pausas estratégicas para acolher perguntas e comentários dos estudantes, lançar questões ao grupo, pedir que comentem algum acontecimento, propor a troca de ideias sobre determinados temas, entre outras possibilidades. As pausas são momentos em que o livro é discutido a partir de uma proposta feita pelo professor, mas sempre levando em conta os temas que os jovens trazem em suas observações espontâneas.

Desse modo, ler com os outros e escutá-los gera tensões e diálogos profícuos, estimulando a relação com a diversidade de opiniões. Com esse tipo de dinâmica, que inclui o debate e a defesa do próprio ponto de vista, os estudantes costumam elaborar de maneira mais complexa suas opiniões, desenvolvendo e aguçando suas perspectivas.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

A antologia *Heróis e heroínas do cordel* conta com três narrativas selecionadas da obra de tradicionais cordelistas em língua portuguesa, com temáticas e formas de expressão variadas, desenvolvidas segundo as características estéticas desse gênero literário.

Para que os estudantes possam apreciar com mais detalhe semelhanças e diferenças entre as narrativas e para organizar o trabalho em sala, sugerimos que a leitura ocorra em três partes:

- Primeira parte: levantamento de características relacionadas ao cordel a partir

da leitura da parte introdutória da obra: “O cordão que nos une: histórias de heróis e heroínas do cordel brasileiro”.

- Segunda parte: narrativas que apresentam heroínas femininas fortes e lutadoras, como “História da imperatriz Porcina” e “História da donzela Teodora”.
- Terceira parte: uma narrativa com uma espécie de “herói às avessas”, no cordel “História de Roberto do Diabo”.

ATIVIDADE 1: CONHECENDO O GÊNERO — O CORDÃO QUE NOS UNE

É importante que os estudantes conheçam as particularidades do gênero cordel, saibam identificar suas principais características e as reconheçam nos cordéis para que possam construir os diferentes sentidos dos textos de maneira mais completa.

Para isso, sugerimos trabalho com o texto “O cordão que nos une: histórias dos heróis e heroínas do cordel brasileiro”, da organizadora Januária Cristina Alves. A proposta é usar nesta atividade a sala de aula invertida, uma metodologia ativa em que o estudante assume o protagonismo de seu aprendizado. Para isso, é importante que a turma leia a introdução do livro antes do trabalho a ser feito em sala de aula; assim, os estudantes poderão participar de forma mais ativa na troca de ideias, por já terem tido contato com o texto.

Nesta atividade, que propõe uma leitura minuciosa da introdução, com apoio de estratégias e procedimentos de apoio à compreensão, serão abordadas, especialmente, as seguintes habilidades: EF69LP34*, EF69LP44** e EF69LP49***.

* (EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginais (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens, quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido (com ou sem comentário/análise), mapa conceitual, dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso (BRASIL, 2018b, p. 151).

** (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018b, p. 157).

*** (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018b, p. 159).

PRÉ-LEITURA

Os estudantes já leram algum cordel? Seria interessante fazer uma roda de conversa e ouvir a turma, incentivando todos a expressar por que gostaram ou não (caso já tenham tido contato com o gênero) ou o que sabem sobre o cordel, agora que já leram a introdução da obra. O que será que faz o cordel ser um gênero popular e tão apreciado? Como eles já têm algumas informações, por terem lido o texto de Januária previamente, poderão formular algumas hipóteses. Pergunte-lhes então o que mais chamou a atenção nesse texto e tente criar um espaço em que se sintam à vontade para trocar ideias livremente.

Siga explorando com os estudantes a parte inicial (p. 6-7), traçando um paralelo entre a importância pessoal dos cordéis para Januária — o que fica claro quando ela menciona episódios da infância — e a importância mundial dos cordéis — por fazerem parte da tradição oral da humanidade e estarem presentes em instituições reconhecidas internacionalmente.

Ainda nessa parte inicial, no último parágrafo, retome com os estudantes os motivos que levaram a autora a organizar essa obra. Ajude-os a expressar que impressão tiveram sobre a relação afetiva da organizadora com os cordéis. Pergunte-lhes se também se sentem tocados por algo semelhante e qual é a expectativa deles quanto à leitura dos cordéis. As emoções que a organizadora transmite nesse trecho contribuem para que o leitor se sinta mais instigado pela leitura da obra?

LEITURA

Agora a sugestão é organizar a turma em cinco grupos. Cada um ficará responsável pela leitura e discussão de um trecho da introdução: “A guerra de palavras esteve entre nós desde sempre”, “O varal que nos une”, “Por que precisamos de heróis e heroínas”, “Sobre os cordéis e seu contexto” e “Histórias que ensinam”.

Como se trata de trechos curtos, reserve alguns minutos para a leitura silenciosa do tópico selecionado, mesmo que a turma já tenha lido toda a introdução antes.

Assim que todos tiverem lido os tópicos, sugerimos orientar os estudantes a conversar sobre o subtítulo de cada trecho, que antecipa o que será abordado nessa parte. Em seguida, sugira que identifiquem as palavras-chaves e que indiquem as ideias principais abordadas no trecho em questão. Essas palavras-chave se relacionam com o cordel e suas características, por isso é fundamental que os grupos percebam a relevância e o sentido desses termos. Por exemplo: o grupo responsável pela leitura de “Histórias que ensinam” pode apontar as seguintes palavras: “Ariano Suassuna”, “Câmara Cascudo”, “mesmo universo”, “passado”, “repentistas”, “heróis e heroínas”. Se possível,

disponibilize algum aparelho com acesso à internet para que a turma possa realizar pesquisas que aprofundem a discussão.

PÓS-LEITURA

Agora é o momento de criar um mapa mental sobre o cordel com as contribuições de toda a turma. Depois que cada grupo fez uma leitura minuciosa do seu trecho e identificou as palavras-chave, seria interessante se reunirem para compartilhar as anotações e justificar as escolhas.

Liste, no quadro, as palavras indicadas pelos grupos e permita a troca de ideias caso os estudantes queiram tecer comentários.

Então, juntos, organizem os termos de acordo com a relevância, a partir da palavra principal: “cordel”. A partir dela, elenquem os tópicos e subtópicos e construam um mapa utilizando setas para estabelecer as relações. Se preferirem, os estudantes podem usar cores para diferenciar os agrupamentos. E também podem acrescentar informações baseadas na leitura prévia que realizaram do texto integral ou, ainda, ampliar a pesquisa em livros e sites.

O mapa mental pode ser feito de forma manual ou digital, em plataformas específicas e gratuitas disponíveis na internet. Seria interessante deixar esse mapa exposto na sala para que possa ser consultado durante a leitura dos cordéis, assim os estudantes podem associar as características do gênero cordel ao que foi apresentado por Januária na introdução, estabelecendo relações que muito contribuirão para o entendimento de todo o livro.

Nesse sentido, antes de lerem as narrativas dessa obra, destaque algumas características da literatura de cordel, propondo aspectos que poderão ser observados durante a leitura:

- A primeira estrofe costuma anunciar a história que será contada. Isso é feito nesses cordéis?
- No cordel, o desenvolvimento da narrativa costuma ser bem claro e é exposto de uma forma que tenta prender a atenção do ouvinte ou do leitor até o fim: isso ocorre nesses cordéis?
- Procure chamar a atenção da turma para a presença do narrador, que se refere a si mesmo em primeira pessoa: trata-se de um resquício da oralidade do cordel.
- Outras observações relevantes sobre as características do conto popular: o fato de as narrativas ocorrerem em espaços e tempos remotos ou distantes; a presença do número três em várias passagens, algo que caracteriza muitas narrativas e está associado à simbologia desse número na cultura popular. Que efeitos causam essas características no leitor?

Durante a leitura das narrativas, vocês podem construir outros mapas mentais a partir de cada cordel, elencando personagens e suas características, espaços, ações e momentos da narrativa. Essa pode ser uma boa ferramenta para compreender o enredo por meio da visualização dos elementos principais da narrativa.

ATIVIDADE 2: O CORDEL E A IMAGEM FEMININA — AS RIMAS

Nesta segunda atividade, o objetivo é explorar uma característica do cordel: a importância da rima. Além do aspecto estético (associado à habilidade EF69LP48*, que diz respeito à leitura em voz alta de poemas), as duas narrativas envolvem questões relativas à situação da mulher na sociedade; portanto, será explorada também uma chave de leitura mais temática.

No que diz respeito às rimas:

Para produzir cordel, o poeta precisa aprender a rimar. A rima é a relação de semelhança entre a palavra e o som. [...] A rima, portanto, tem uma relação com a oralidade, com a melodia, com a relação entre os sons na busca por uma harmonização, uma identificação dos sons das palavras (BRASIL, 2018a, p. 18).

Os estudantes de sua turma sabem identificar uma rima bem-feita? Que tal fazer um teste, lendo as três primeiras estrofes de “História da imperatriz Porcina” (p. 15) e “História da donzela Teodora” (p. 81)? Alguns pontos a observar nessas estrofes iniciais:

- Nesses cordéis, ambos os narradores fazem um resumo da narrativa na primeira estrofe.
- A história de Porcina tem sete versos por estrofe (é uma setilha), ao passo que a de Teodora tem seis (é uma sextilha). Onde estão as rimas em cada narrativa? Se eles ainda não sabem, é hora de ajudá-los a encontrar. Em Porcina, o esquema é *A B C B D D B*, ou seja, rimam os versos 2, 4 e 7 e os versos 5 e 6; portanto, os versos 1 e 3 não precisam rimar. Que efeito rítmico essa distribuição de rimas traz? Na história de Teodora, as rimas ocorrem no esquema *A B C B D B*, ou seja, os versos 2, 4 e 6 rimam entre si. Qual é a diferença de ritmo causada por essas escolhas? Será que eles acham alguma delas mais agradável de ouvir?

* (EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (BRASIL, 2018b, p. 159).

- Você pode mostrar à turma a importância sonora da rima no lugar certo (e da leitura expressiva dos versos). A rima perfeita faz parte da “harmonia sonora” do cordel. Em qual das duas narrativas o esquema de rimas cria uma harmonia mais forte? O poeta respeitou esse esquema do começo ao fim?

LEITURA

A leitura poderá ser feita totalmente de forma compartilhada e em voz alta. Em dias e horários combinados, a turma se dedicará à declamação de uma das narrativas da antologia. A história de Porcina é a mais longa e a que apresenta mais questões a serem discutidas. Você pode organizar sessões de leitura com paradas estratégicas nos momentos em que é preciso conversar; por exemplo, nas situações em que Porcina sofre ameaças de estupro, supostamente por ser uma mulher muito bonita.

É importante destacar o anacronismo do tratamento que alguns homens se sentem no direito de dar a Porcina. Convém ressaltar também como, afinal, ela consegue escapar de todos os atos de violência e que, mesmo que precise da ajuda da Virgem Maria, é por sua sagacidade que Porcina expõe seus dois agressores, ao mesmo tempo que os cura e perdoa. O que os estudantes acham dessas passagens? Conversar sobre questões delicadas a partir de uma obra literária aproxima os jovens de temas fundamentais nessa faixa etária, além de oferecer certo distanciamento da narrativa; afinal, ler um texto ficcional é uma oportunidade de viver artisticamente as experiências narradas, um ato que representa uma ampliação de repertório de mundo para os leitores. A literatura tem um poder interessante: permite que possamos viver outras vidas, diferentes da nossa. Podemos conhecer outras realidades, lidar com diferentes conflitos, aprender com eles, amadurecer e nos humanizar a partir do contato com o outro, com o diferente, o estranho. Como seria se precisássemos viver tudo? Algumas de nossas experiências não precisam ser vividas concretamente; podem ser imaginadas por meio da arte.

O cordel da donzela Teodora também pode ser lido em voz alta, pelo menos parcialmente. Seria interessante os estudantes selecionarem trechos que querem comentar. Para essas situações, sempre vale combinar previamente quem fará a leitura em voz alta e reservar um tempo de ensaio, se possível. Durante a leitura, você pode solicitar que todos anotem comentários sobre questões do texto que acham importante debater, da mesma forma que fizeram na outra narrativa.

Realizar esta atividade de forma oral significa demonstrar, na prática, a sonoridade e a harmonia características da literatura de cordel.

PÓS-LEITURA

A atividade de pós-leitura, nesse caso, pode ocorrer de forma híbrida, envolvendo a produção de textos escritos e práticas de oralidade, tendo em vista a competência 7 de Língua Portuguesa*, que diz respeito ao texto como um lugar de manifestação e negociação de sentidos.

Com certeza, a discussão sobre como os homens tratam Porcina e sobre algumas afirmações da virtuosa donzela Teodora suscitaram conversas acaloradas entre os estudantes. Você pode solicitar que, individualmente ou em duplas, a partir de anotações feitas durante as conversas, eles escrevam pequenos artigos de opinião sobre a narrativa lida.

A BNCC, no campo das práticas de estudo e pesquisa do Ensino Fundamental 2, prevê atividades envolvendo gêneros como “discussão oral, debate, palestra, apresentação oral, notícia, reportagem, artigo de opinião [...]” (BRASIL, 2018b, p. 147). Assim, você pode ajudá-los a escrever pequenos artigos de opinião sobre as leituras, partindo da sugestão de alguns itens:

- Dados da narrativa a ser analisada no artigo, como título e autor. Indicar também ano de produção e gênero.
- Elementos positivos da narrativa (de teor estético ou temático).
- Elementos da narrativa criticados pelo(s) autor(es) do artigo; justificativas.
- Conclusão: vale a pena ou não ler a narrativa? Por quê?

Por fim, alguns estudantes ou duplas podem apresentar oralmente suas opiniões, atendendo a habilidades como EF69LP13** e EF69LP15***, que dizem respeito à participação em debates sobre temas preestabelecidos.

ATIVIDADE 3: O CORDEL E AS NOVELAS DE CAVALARIA — A MÉTRICA

PRÉ-LEITURA

Chegamos, assim, a mais uma característica do cordel que precisa ser respeitada: a métrica. “História de Roberto do Diabo” tem origem antiga. Datada do século XIII, surgiu

* 7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias (BRASIL, 2018, p. 87).

** (EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social (BRASIL, 2018b, p. 145).

*** (EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos (BRASIL, 2018b, p. 145).

entre o povo normando, que viveu na Idade Média, no norte da Europa, e deixou uma história e uma cultura muito ricas. Segundo o folclorista Câmara Cascudo, a narrativa original pode ter sido um drama religioso, escrito em francês, intitulado “Milagre de Nossa Senhora do Roberto de Diabo”, de autor desconhecido. Seu foco era a conversão de Roberto, e não sua selvageria.

É claro que a versão de Leandro Gomes de Barros, apesar de situar a história “na província da Normandia”, a transfere para o sertão. Essa é uma característica que pode ser destacada na leitura.

O fato é que essa narrativa fez tanto sucesso que até em uma ópera foi transformada, apesar de as maldades de Roberto ocuparem a maior parte da narrativa. Será que isso tem a ver com a atração que as pessoas sentem pelos vilões? Eis um bom tema para discutir com os estudantes: proponha que busquem em seu repertório de leituras, *games* e animes personagens antagonistas marcantes. Estimule-os a compartilhá-los com os colegas, a fim de observarem juntos suas características.

Na atividade anterior foi apresentada a rima; agora o objetivo é conversar sobre outro elemento do cordel: a métrica — definida pelo tamanho dos versos ou pela quantidade de *sílabas poéticas*. Os estudantes de sua turma estão familiarizados com esse assunto?

Caso sua turma ainda não tenha estudado metrificacão, você pode começar mostrando na prática como ela funciona, lendo as estrofes iniciais do cordel “História de Roberto do Diabo”. Caso já tenham estudado, é uma oportunidade de recordar.

Nesta atividade, procura-se exercitar a habilidade EF69LP54*, associada aos recursos linguísticos e semióticos nos textos literários e que valoriza a percepção dos elementos sonoros no poema. Por ser uma literatura de tradição oral, a atividade visa trabalhar a oralidade.

Você pode começar apresentando aos estudantes as estrofes iniciais do cordel devidamente escandidas, ou seja, divididas e com as sílabas contadas, para que eles percebam a importância da métrica:

* (EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo (BRASIL, 2018b, p. 161).

Na / pro/vín/cia /de / Nor/man/dia
na / re/ mo/ ta an/ ti/ gui/ da/ de
vi/ veu/ o/ du/ que/ Al/ ber/ to
che/ io/ de/ fra/ ter/ ni/ da/ de
e/ ra e/le o/ so/ be/ ra/ no
de/ to/ da a/ que/ la/ ci/ da/ de.
E/le e/ ra/ mo/ ço/ sol/ tei/ ro
não/ pen/ sa/ va em/ ca/ sa/ men/ to
não/ e/ ra/ por/ ser/ ego/ ís/ ta
nem/ por/ ser/ ri/ co a/ va/ ren/ to
e/ra/ por/ que/ no/ fu/ tu/ ro
não/ pen/ sa/ va um/ só/ mo/ men/ to (p. 73).

Peça a algum jovem que leia em voz alta as duas estrofes (ou leia você, caso prefira), fazendo pequenas pausas em cada barra e pronunciando mais fortemente as sílabas sublinhadas, praticamente ignorando as finais.

Eles conseguem perceber por que a divisão de sílabas no poema é diferente da gramatical?

[...] para “metrificar” o poema, é necessário, de antemão, aprender as diferenças entre sílaba gramatical e sílaba poética (também conhecida como sílaba métrica), pois a contagem de sílabas para a metrificação do cordel toma como referência as sílabas poéticas, que estão relacionadas com a sonoridade e com a pronúncia das palavras na linguagem oral (BRASIL, 2018a, p. 23).

Ajude-os a perceber, a partir da audição desse trecho do poema:

- a importância de acentuar a sílaba final mais forte, principalmente quando associada à rima;
- os casos de elisão, ou seja, em que os ditongos são mantidos na mesma sílaba, para respeitar o ritmo. Há também casos contrários, quando são separados pelo mesmo motivo;
- a pronúncia da palavra “Normandia” é alterada (Normandia) para manter a métrica do verso;
- por que as sílabas dos poemas são contadas até a última sílaba tônica de cada verso;
- que os cordelistas, muitas vezes, contam as sílabas nos dedos para controlar a extensão do verso. (Pode ser divertido fazer isso em sala.)

LEITURA

Ao sentir que a conversa com os estudantes foi suficiente, a leitura do poema pode ser feita em voz alta. Oriente-os a dar ênfase nas sílabas tônicas finais e nas rimas, explorando as características do cordel — considerado pelos cordelistas como “primo-irmão” do repente, que é totalmente cantado. E por que não cantar o poema todo na sala, de forma compartilhada com os estudantes?

No decorrer da leitura, você pode parar quando solicitado por eles ou quando achar necessário, para discutir outros elementos do poema:

- O uso de vocabulário regional. Aproveite para trabalhar, entre outras, a competência específica de Língua Portuguesa 4*, que tematiza a questão das variações linguísticas, no sentido de evitar preconceitos.
- Aproveite também para discutir as violências praticadas por Roberto, associando-as a tempos remotos, quando a lei se baseava nos costumes, não em normas escritas, e era aplicada pelos próprios senhores feudais. Essa informação ajuda a destacar a importância da existência de leis que punem e coíbem a violência praticada pelos seres humanos.
- Por fim, Roberto faz tudo para se redimir de seus erros. O que os estudantes acham a respeito? Sua redenção foi válida ou Roberto deveria pagar pelas maldades cometidas?

PÓS-LEITURA

Terminada a leitura, sua turma deverá estar bem familiarizada com as características do gênero. Que tal ensaiar a escrita de alguns versos de cordel? Os estudantes podem realizar o trabalho organizados em duplas. Algumas questões a lembrar:

- O cordel a ser criado pode ter seis ou sete versos; todos os versos precisam ter sete sílabas poéticas, como nas narrativas que leram. Cada dupla escritora escolherá um esquema de rimas para adotar no cordel inteiro. Além disso, o cordel precisará contar uma história.
- Para facilitar o trabalho, você pode sugerir que a história seja curta e que eles escrevam uma média de quatro estrofes.
- No decorrer da escrita, convém passar por todas as duplas, ajudando-as nas dificuldades. E, é claro, não exija que as produções alcancem um nível artístico. O importante é brincar de fazer poesia, seguindo regras.

* 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018b, p. 87).

- Se quiser, o resultado do trabalho pode ser transformado em um livreto de cordel. Que tal?

Esta atividade de escrita atende à necessidade de assegurar, entre outras, a quinta competência específica de Língua Portuguesa*, assim como a habilidade (EF69LP07)**. Ambas indicam que os estudantes aprendam na escola a escrever todo o tipo de texto, tendo em vista a linguagem adequada a cada gênero e à intenção comunicativa.

Possibilidades interdisciplinares

Os elementos que destacamos neste material e outros que você e os estudantes descobrirão durante a leitura do livro apontam muitas possibilidades de interação com outras áreas do conhecimento.

ARTE

Por se tratar de uma obra que representa uma manifestação cultural brasileira importante, que envolve um labor específico com a imagem, os trabalhos interdisciplinares possíveis se associam principalmente ao componente curricular Arte. Nesse sentido, há duas habilidades especialmente envolvidas: EF69AR01*** e EF69AR34****, ambas relacionadas à necessidade de entender e valorizar a arte brasileira.

* 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (BRASIL, 2018b, p. 87).

** (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação — os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação —, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc. (BRASIL, 2018b, p. 143).

*** (EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético (BRASIL, 2018b, p. 207).

**** (EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (BRASIL, 2018b, p. 211).

Os cordéis são tradicionalmente associados à xilogravura, que começa com um desenho feito pelo artista em papel comum e que depois é transferido, de modo invertido, para uma placa de madeira não muito rígida (como cajá, imburana, cedro ou pinho). O desenho também pode ser feito diretamente sobre a placa de madeira, que se chama “matriz”. Com ferramentas especiais — goiva, faca, canivete, estilete, formão ou buril —, o desenho é entalhado na matriz, que depois é entintada para que se realize a impressão, como se fosse um carimbo.

Há vários sites em que os estudantes podem aprender sobre essa arte e as maneiras de executá-la. Em “Sugestões de leituras complementares” há algumas indicações.

Nessa obra, o ilustrador Salmo Dansa executou as ilustrações com traços pretos grossos, imitando as marcas deixadas pelos entalhes do cordel. Que tal os estudantes fazerem o mesmo para ilustrar sua produção? Depois de ler e conversar sobre as técnicas do cordel, sua história e suas características, eles podem finalizar o trabalho com essas ilustrações.

Uma característica importante do cordel tradicional é sua relação com o cordel de improviso, conhecido também como “repente”. Talvez você já tenha presenciado ou escutado falar de batalhas orais entre poetas: um pega o mote do outro e vai desenrolando histórias e acontecimentos. Lembra um duelo de poesia falada, como o *slam*, manifestação de rua difundida sobretudo entre os jovens. É interessante como diferentes tipos de culturas populares apresentam uma mesma expressão artística, a batalha de poesia falada. Portanto, se em sua escola houver estudantes que praticam o *slam* ou frequentam grupos de *hip-hop*, essas atividades culturais podem ser trazidas para a escola, pois guardam várias semelhanças com a arte do cordel. Outra ideia é apresentar à turma vídeos com intervenções de batalha de poesia falada. Aqui, a relação com a BNCC se dá mediante a habilidade EF69LP46*, que aponta para a necessidade de participação em práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras, além de outras manifestações culturais.

As atividades que os jovens praticam nas ruas são importantes para sua socialização e formação. Se houver oportunidade de trazê-las para o ambiente escolar, talvez em algu-

* (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, *saraus*, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018b, p. 157).

ma espécie de comemoração final, seria uma forma de demonstrar respeito por suas criações. O mesmo vale, é claro, para cordelistas e repentistas, caso existam em sua região.

HISTÓRIA

A partir das discussões sobre o respeito à cultura popular e o repúdio à violência (especialmente contra a mulher), ressaltamos em especial duas competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental. Uma delas é a competência 4*, por voltar-se ao acolhimento e à valorização da diversidade. A outra é a competência 6**, que abrange os direitos humanos e o desenvolvimento de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Nesse sentido, a apreciação de leitura desses cordéis traz à discussão documentos importantes para a valorização dos direitos humanos. O professor de História pode promover a leitura e a discussão da *Declaração universal dos direitos humanos*, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948. Outro documento importante, mais recente, é a Lei Maria da Penha, sancionada no Brasil em 2006 para defender as mulheres contra a violência doméstica.

Atividades desse tipo também estão em consonância com a habilidade EF89LP17***, que promove a leitura crítica de documentos oficiais. Além disso, você e os demais professores podem planejar com os estudantes um debate sobre esses documentos, atendendo à necessidade de desenvolver a EF09HI16****.

Esperamos ter explorado neste material as muitas possibilidades da leitura de *Heróis e heroínas do cordel*. Bom trabalho!

* 4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018b, p. 357).

** 6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018b, p. 357).

*** (EF89LP17) Relacionar textos e documentos legais e normativos de importância universal, nacional ou local que envolvam direitos, em especial, de crianças, adolescentes e jovens — tais como a Declaração dos Direitos Humanos, a Constituição Brasileira, o ECA —, e a regulamentação da organização escolar — por exemplo, regimento escolar —, a seus contextos de produção, reconhecendo e analisando possíveis motivações, finalidades e sua vinculação com experiências humanas e fatos históricos e sociais, como forma de ampliar a compreensão dos direitos e deveres, de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho) (BRASIL, 2018b, p. 183).

**** (EF09HI16) Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação (BRASIL, 2018b, p. 429).

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como a troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela traz exemplos práticos, que refletem sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Cultura/Iphan. **Dossiê de registro da literatura de cordel**. Brasília, DF: 2018a. Disponível em: <https://bit.ly/IphanLitCordel>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Um dossiê completo elencando as características estéticas da literatura de cordel e informações históricas sobre essa manifestação da cultura popular.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/Consed/Undime, 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 2 ago. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022.

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

BRASIL. Ministério do Turismo/Iphan. Patrimônio cultural. **Portal do Iphan**. Brasília, DF, s. d. Disponível em: <https://bit.ly/PatrimonioCulturalIphan>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Informações básicas sobre patrimônio cultural e links para outras páginas sobre patrimônio.

CHAMBERS, Aidan. **Dime**: los niños, la lectura y la conversación. México, DF: Fondo de Cultura Económica de España, 2014.

Neste livro, o escritor inglês desenvolve uma proposta, embasada em sua experiência como educador, para estimular conversas sobre a leitura em salas de aula, com crianças e jovens. Em quinze capítulos são descritas as origens e as características de “*Tell me*”, título em inglês de sua proposta e também do livro, assim como são sugeridos perguntas e jogos que podem estimular as conversas.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Prefácio: Emilia Ferreiro. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

A educadora argentina desenvolve ideias de como transformar a escola em uma comunidade de leitores — pessoas que busquem nos textos respostas para suas várias necessidades e indagações — e de escritores — pessoas que estejam preparadas para criar textos para expressar suas necessidades. O trabalho de Lerner visa preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais.

NODELMAN, Perry. **Somos mesmo todos censores?** Tradução: Lenice Bueno. São Paulo: Selo Emília; Salvador: Solisluna Editora, 2020.

Se no primeiro artigo do livro Nodelman se posiciona contra toda e qualquer censura na seleção de obras para crianças e adolescentes, no segundo revê parte de seu posicionamento após o desenvolvimento de movimentos identitários e de gênero. O autor não traz respostas prontas, mas lança perguntas sobre o conceito atual de infância, os preconceitos e as concepções que devem ser revistos à luz das novas vozes que vêm despontando no cenário mundial.

Sugestões de leituras complementares

- Academia Brasileira de Literatura de Cordel. O site da Academia apresenta informações importantes sobre o cordel e os cordelistas. Disponível em: <https://bit.ly/AcadCordel>.
- Site de uma das poucas mulheres cordelistas, Lucélia Borges. Disponível em: <https://bit.ly/PoesiaEncantada>.
- No site da Galeria La Art, a história da xilogravura. Disponível em: <https://bit.ly/XilogravuraHistoria>.

(Sites acessados em: 13 ago. 2022.)